

## PERGUNTAS SOBRE O ADVERSÁRIO.

Propomos sob forma de perguntas e respostas algumas reflexões sobre a demonologia, utilizando o livro do Padre José Antonio Fortes, *Summa daemoniaca*, Paulus, 2010.

O método de pergunte e resposta ajuda a memorizar e interiorizar algumas imagens ou pensamentos sobre este tema. As respostas constituem e retomam estudos anteriores de muitos exorcistas.

### ALGUNS ANJOS SE TORNARAM DEMÓNIOS, COMO?

<i>O que é um demónio?</i>	
<i>Deus pôs à prova os anjos</i>	2
<i>Não foi de repente, mas um processo. - Duvida e aceitação</i>	3
<i>Confirmação da Vontade – Pecado mortal</i>	3
<i>Processo de Justificação - Ver-se livres de Deus. visto como um ser mau, um obstáculo</i>	4
<i>Abandonar a casa paterna.</i>	5
<i>A grande luta no Céu, luta de ordem intelectual.</i>	5
<i>Uma transformação progressiva, irreversível.</i>	6
<i>O fim da batalha, não se trata de uma condenação</i>	6
<i>Como explicar a Irreversibilidade</i>	7
<i>A situação dos demónios</i>	8
<i>O mesmo processo das criaturas humanas</i>	9

#### *O que é um demónio?*

Um demônio é um ser espiritual de natureza angélica condenado eternamente. É puro espírito, não tem corpo. É uma criatura inteiramente espiritual, dotada de inteligência, vontade e liberdade. Os anjos, antes de serem admitidos por Deus à «visão beatífica» do Céu, foram postos à prova. Nessa prova, uns obedeceram, outros, não. Os que desobedeceram tornaram-se demônios. Foi por sua própria escolha que se transformaram no que são. Deus não os fez assim.

Como já dissemos, os anjos não têm corpo, não têm nada que seja comparável à matéria. Trata-se de uma existência inteiramente espiritual. Uma vez que não têm corpo, os demônios não sentem a menor inclinação para nenhum pecado carnal, como a gula ou a luxúria, coisas que são impraticáveis para eles. Podem tentar os homens nesses campos, porém, só compreendem esses pecados de modo meramente intelectual, uma vez que não possuem sentidos corporais. Os pecados dos demônios, portanto, são exclusivamente de ordem espiritual.

### *Deus pôs à prova os anjos*

Os anjos não nasceram maus, porém, depois de criados, foram submetidos a uma prova antes de serem admitidos à glória eterna do Céu, o que chamamos de «visão beatífica», a visão de Deus, assim como Ele é.

Antes disso, viam a Deus, mas não viam Sua essência. Neste caso, o verbo *ver* é figurativo, já que a visão dos anjos é intelectual. Por isso, pode resultar difícil compreender o fato de que os anjos puderam *ver/conhecer* a Deus, porém não *ver/conhecer* Sua essência. Poderíamos exemplificar dizendo que eles viam a Deus como uma luz, que O ouviam com uma voz majestosa e santa, mas Seu rosto permanecia sem se revelar. Em todo o caso, os anjos, mesmo que não penetrassem em Sua essência, sabiam que Deus era o seu Criador e que era santo, o Santo entre os Santos.

Antes de serem admitidos à «visão beatífica», Deus os pôs a prova. Nessa prova, uns obedeceram, outros, não. Os que desobedeceram tornaram-se demônios. Foram eles, de livre vontade, que se transformaram no que agora são. Não foi por falta de amor ou de perdão da parte de Deus, mas uma escolha livre e irreversível que eles próprios fizeram.

### *Não foi de repente, mas um processo – Dúvida e aceitação.*

A psicologia dos anjos passou por uma série de fases antes de se transformarem em demônios. Estas fases deram-se fora do tempo material, isto é, eternidade (evo). Isto pode parecer-nos

uma fase breve, instantânea, mas, o que para nós parece breve, para eles, foi muito demorado. As fases de transformação dos anjos em demônio foram as seguintes:

No princípio invadiu-os a dúvida de que talvez a desobediência a Deus fosse uma opção a considerar. Isto já era um pecado em si mesmo, embora, neste primeiro momento, a aceitação da dúvida constituía apenas um pecado venial, mas, pouco a pouco, foi evoluindo e tornou-se um pecado mais grave. Mas, nesta primeira fase, nenhum deles estava disposto a afastar-se definitivamente, de forma irreversível, de Deus.

#### *A confirmação da vontade – Pecado mortal.*

O afastamento deu-se mais tarde, quando se foi confirmando neles a vontade do que havia escolhido. A inteligência advertia-os de que tal desobediência era contrária à razão. Mesmo assim, as suas vontades se foram afastando de Deus e, as suas inteligências foram obrigadas a aceitar como verdadeiro, o mal que a sua vontade tinha escolhido. As suas inteligências foram-se consolidando no erro. A vontade de desobedecer foi-se cimentando, tornando-se cada vez mais profunda e as suas inteligências iam procurando, cada vez mais, as razões para que tudo isso se tornasse justificável.

Finalmente, esse processo os levou ao pecado mortal, que se deu num determinado momento, através de um ato da vontade. Isto é, cada anjo chegou a um momento em que não só quis desobedecer, mas, inclusivamente, optou por ter uma existência autónoma, à margem da Lei Divina. Não era um simples esfriamento do amor a Deus, já não era uma simples desobediência a algo que lhes fosse difícil aceitar, antes, na vontade de muitos deles, surgiu a ideia de um destino autónomo, separado da Santíssima Trindade.

#### *O processo de justificação.*

Os que perseveraram nesse pensamento e chegaram a esta decisão começaram um processo de justificação da escolha que acabaram de realizar. Entraram num processo em que trataram de autoconvencer-se de que Deus não era Deus. De

que Deus não era mais do que um espírito entre outros espíritos. Até poderia ser o seu Criador, mas n'Ele havia erros e arbítrios. Desta forma, a possibilidade de uma existência separada de Deus parecia-lhes uma escolha para uma existência mais livre. Uma opção para a liberdade.

*Deus era visto como um ser mau, um obstáculo*

As normas de Deus, a obediência à Sua vontade, apareciam-lhes progressivamente como uma opressão. Deus passava a ser visto como um tirano do qual deveriam libertar-se. Nessa nova fase de distanciamento, já não procuravam simplesmente um destino fora de Deus, mas queriam separar-se d'Ele, porque o próprio Deus parecia-lhes um obstáculo para alcançar a liberdade. Pensavam que a beleza e a felicidade do mundo angélico teriam sido muito melhores sem um opressor. Porque é que havia um Espírito levantar-se acima dos demais espíritos? Porque é que a Sua vontade se devia impor sobre a dos demais espíritos? Porque é que a Sua vontade devia impor-se sobre outras vontades? Devem ter pensado: «Não somos crianças, não somos escravos!».

Deus começava a converter-se para eles em mal. E assim começaram a odiá-l'O. Os apelos que Deus lhes dirigia para que voltassem para Ele eram vistos como uma intromissão inaceitável. Nessa fase, o ódio cresceu mais nalguns espíritos e menos noutros.

Pode surpreender o fato de que um anjo chegue a odiar a Deus, mas Deus já não era visto por eles como um bem, mas como um obstáculo, como uma opressão: representava as cadeias dos mandamentos e a falta de liberdade. Deus não era visto como um Pai, mas como fonte de ordens e de mandamentos. O ódio nasceu com a energia das suas vontades, resistindo continuamente aos chamamentos de Deus que, como um pai, os procurava.

O ódio nasceu como reação lógica de uma vontade que tem de firmar-se na sua decisão de abandonar a casa paterna, para o dizer em termos que sejam mais inteligíveis para nós. Ou seja, alguém que sai de casa; no início quer apenas sair, mas se o

pai o chama uma e outra vez, o filho acaba por lhe dizer: «deixa-me em paz». Deus, de facto, chamava-os, pois sabia que, quanto mais tempo as suas vontades estivessem afastadas d'Ele, mais se consolidariam no seu afastamento.

### *A grande luta nos Céus (de ordem intelectual)*

Contudo, muitos dos anjos que se tinham afastado num primeiro momento, voltaram à fidelidade a Deus. É esta a grande luta que aconteceu nos Céus:

*«Houve então uma batalha nos Céus: Miguel e seus anjos guerrearam contra o Dragão. O Dragão lutou, juntamente com os seus anjos, mas foi derrotado; e eles perderam seu lugar nos Céus. Assim foi expulso o grande Dragão, a antiga Serpente, que é chamado Demônio ou Satanás, o sedutor do mundo inteiro. Ele foi expulso para a Terra, e os seus anjos foram expulsos com ele” (Ap 12,7-9).*

Como é que os anjos podem lutar entre si? Se não têm corpo, que armas poderiam usar? O anjo é espírito, o único combate que se pode travar entre eles é de ordem intelectual. As únicas armas que podem usar são os argumentos intelectuais.

Esta luta foi, portanto, uma luta intelectual. Deus continuava a enviar a Sua graça a cada anjo para que voltasse à fidelidade e se mantivesse nela. Os anjos fiéis davam argumentos aos rebeldes para que voltassem à obediência. Os anjos rebeldes apresentavam as suas razões para justificar a sua postura e para introduzirem a rebelião entre os anjos fiéis. Nessa conversação entre milhares de milhões de anjos, houve baixas de ambos os lados: anjos rebeldes regressaram à obediência e anjos fiéis foram convencidos com a sedução dos argumentos malignos.

### *Uma transformação progressiva – escolha irreversível*

A transformação de anjos em demônios foi progressiva. Com o passar do tempo – o evo ou a eternidade é um tipo de tempo - uns odiaram mais a Deus, outros menos. Uns tornaram-se mais soberbos, outros nem tanto. Cada anjo rebelde foi-se corrompendo cada vez mais, cada um deles em pecados específicos; muito pelo contrário, os anjos fiéis que se foram

santificando progressivamente. Uns anjos santificaram-se mais numa virtude, outros noutra virtude. Cada anjo fixou-se num especto ou noutro da divindade. Cada anjo amou com uma medida de amor de que era capaz. Por isso, no grupo dos anjos fiéis começaram a surgir muitas distinções, segundo o amor e a intensidade das virtudes que cada anjo praticava.

Cada anjo tinha sua própria natureza dada por Deus, mas, cada um deles santificou-se numa medida própria, segundo a Graça que Deus lhe concedia e correspondência da sua própria vontade. Para os demónios aconteceu exatamente o contrário: cada demônio recebeu de Deus uma natureza, mas cada um corrompeu-se segundo os seus próprios caminhos extraviados. Por esta razão, quando a batalha terminou quando cada um deles se fechou em si mesmo, na sua postura, de forma irreversível. Chegou um momento em que, mesmo que Deus continuasse a enviar as Suas graças, não mudava a decisão tomada, só podia haver mudanças acidentais. Portanto, chegou o momento em que cada demônio se manteve firme na sua imprudência, nos seus ciúmes, no seu ódio, na sua inveja, na sua soberba, na sua egolatria...

*O fim da batalha: não se trata de uma condenação.*

A batalha acabara. Podiam ainda continuar a discutir, a falar, a disputar, a exortar-se durante milhares de anos, para falarmos em termos humanos, mas já não mudava a opção fundamental, só podia haver mudanças acidentais. Foi então que os anjos fiéis foram admitidos à presença divina, a «visão beatífica» e Deus permitiu que os demónios se afastassem, abandonados à situação de prostração moral em que cada um se situara.

Como se pode observar, os demónios não foram enviados para um lugar fechado com chamas e aparelhos de tortura, mas foram deixados tal como estavam, foram abandonados à sua liberdade, à sua vontade. Não foram levados a parte alguma. Os demónios não ocupam um lugar, não há onde levá-los. Não há instrumentos de tortura, nem chamas que os possam atormentar, nem cadeias que os amarrem. Nem os anjos fiéis entraram nalgum lugar, simplesmente receberam a graça da

«visão beatífica». Tanto o Céu dos anjos como o Inferno dos demônios não são lugares, são estados. Cada anjo transporta no seu interior o seu próprio Céu, esteja onde estiver. Cada demônio, esteja onde estiver, leva dentro o seu próprio inferno.

*Como explicar a irreversibilidade.*

O momento em que já não há retorno possível é quando um anjo vê a essência de Deus, depois de ver Deus, nada e ninguém poderá mudar a sua escolha. Depois de ter visto a Deus, ninguém poderá escolher algo que ofenda a Deus, no mais ínfimo que seja. A sua inteligência compreenderia que seria como escolher estrume face a um tesouro precioso. A partir desse momento torna-se impossível pecar.

O anjo, antes de entrar no Céu, tinha um certo conhecimento de Deus, compreendia a Sua Santidade, sabia o que Ele era, imaginava a Sua santidade, a Sua onipotência, sabedoria, amor... mas depois de ter sido aceite para contemplar a Sua essência, não só O compreende, como também O vê. Quer dizer, que vê a Sua santidade, o Seu amor a Sua sabedoria etc. Ao contemplá-Lo, enche-se de tal amor, de tal veneração, que nunca, por nenhum motivo, quer separar-se d'Ele. Por isso o pecado passa a ser impossível.

O demônio fica irremediavelmente ligado ao que escolheu, desde que Deus decidiu não insistir mais. Chega um momento em que Deus decide de não enviar mais as Suas graças de arrependimento, pois, mesmo que as enviar, se revelam inúteis, até contraproducentes porque só contribuem para alimentar o ódio, para que o demônio se feche cada vez mais naquilo que a sua vontade escolheu. Chega um momento em que Deus Amor «vira as costas» e deixa que o Seu filho siga o caminho dele. Deixa o demônio siga a vida separado Dele.

A imagem de Deus que «vira as costas» sendo Deus Amor Infinito, pode parecer uma afirmação muito forte, contudo, devemos admitir que a rebeldia da criatura conduz a que Deus finalmente abandone a criatura à sua própria sorte. É o momento em que Deus decide de não lhe conceder mais nenhuma graça de arrependimento.

Mesmo que ainda lha concedesse ficaria sem efeito. Portanto, não é de repente que um anjo se transforma em demônio, muito pelo contrário, trata-se de um processo lento, gradual, evolutivo. Por outro lado, por quanto longo possa ser este processo, chega o momento em que o espírito angélico tem de tomar a decisão de rejeitar ou não o seu Criador.

Já dissemos que neste processo houve muitas possibilidades de voltar atrás; é a celestial batalha de que fala o *Apocalipse* (cf. *Ap* 12,7-9). Mas chega um momento dessa batalha em que os demônios se afastam cada vez mais. Não teria sentido continuar a insistir. O Criador respeita a liberdade de cada um.

#### *A situação dos demónios.*

O demónio costuma ser representado em pinturas e esculturas de modo disforme, de maneira muito adequada, pois é um espírito angélico deformado. Continua a ser anjo; somente sua inteligência e sua vontade é que se deformaram. De resto continua a ser anjo como quando foi criado. Enfim, o demónio não é mais do que um anjo que decidiu ter o seu destino longe de Deus. É um anjo que decidiu viver livre, sem amarras. A solidão interior em que permanecerá, pelos séculos dos séculos, os ciúmes de compreender que os fiéis gozam da visão de um Ser Infinito, levam-no a reprovar seu próprio pecado uma ou outra vez. Odeia-se a si mesmo, odeia a Deus, odeia aos que lhe deram razões para se afastar.

Mas nem todos sofrem de igual modo. Durante a batalha, uns anjos deformaram-se mais do que outros. Os que mais sofrem são os que mais se deformaram, mas, é necessário recordar novamente que se trata só da deformidade da inteligência e da vontade.

A inteligência está deformada, obscurecida pelas mesmas razões que eles justificaram o seu caminho, a sua presumível «libertação». A vontade impôs à inteligência a sua decisão, e a inteligência viu-se impelida a justificar a referida decisão. A inteligência funcionou através de um mecanismo de



justificação, procurando a argumentação daquilo que a vontade a fustigava a aceitar.

*O mesmo processo das criaturas humanas.*

Como se vê, este processo tem uma extraordinária semelhança com o processo de aviltamento dos humanos. Não esqueçamos que nós, humanos, somos um espírito num corpo. Se prescindimos dos pecados relativos ao corpo, o processo psicológico interno que leva uma pessoa boa a entrar na máfia ou a tornar-se guarda num campo de concentração ou também a tornar-se terrorista, é precisamente o mesmo.

Em substância, o conceito de pecado, de tentação, de evolução da própria iniquidade é igual tanto no espírito angélico como no espírito do ser humano. Os pecados do homem são sempre pecados do espírito, embora os cometas com o corpo, já que o corpo é tão somente um instrumento do que o espírito decidiu com seu livre-arbítrio.

Assim como um menino atravessa um período da infância, assim o anjo que acaba de ser criado não tem experiência. A pessoa humana tem tentações como as outras pessoas, assim também os anjos as tiveram. O homem pode pecar por ideais tais como a pátria, a honra da família, ou o bem-estar de um filho. O espírito angélico também tinha atrás de si grandes ideais intelectuais que, embora distintos dos ideais humanos, representam uma complexa correlação ente o mundo angélico e este mundo humano que conhecemos.

Nós, humanos, somos também espírito, apesar de possuímos um corpo. Só temos de olhar para o nosso interior para compreender como alguém pode cair no pecado, como alguém pode degradar-se. Sendo assim, os pecados dos anjos começam a nos parecer mais próximos e já não são tão incompreensíveis.